

O Abecedário do Comportamento

S.G Friedman, Ph.D, Universidade do estado do Utah

Publicado no "Original Flying Machine", 9: Nov-Dez, 2001

Apresentado inicialmente na Conferência "Grey Pooon Challenge", Dez.2000

Préfacio

Ouvi falar dum professor de psicologia que começava todas as aulas abanando a cabeça e cantarolando " Não há comportamento sem que ele seja complexo". As palavras verdadeiras são aquelas que menos se ouvem, e quando falamos do comportamento complexo dos papagaios tem muito que se lhe diga. Quando se pode arrancar as penas, picá-las, despedeçá-las ou alisá-las... dar constantes gritos mais ou menos agudos, pios, chamamentos...sem falar do bicar, roer, arranhar- Não tenho bem a certeza a quem posso pedir ajuda, Dr. Skinner ou Dr. Seuss!

Reduzir problemas comportamentais parece realmente complicado. Vem-me à mente a imagem dum brinquedo de secretária que consiste em bolas prateadas penduradas e ligadas a um suporte de madeira. No momento que você puxa uma das bolas e larga-a, as outras bolas começam a mexer-se, chocando umas contra as outras durante muito tempo para finalmente imobilizarem-se. Como esse brinquedo, um comportamento desencadea uma cascata de incessantes interações cuja análise isolada pouco ou nada significa. O comportamento faz parte duma interação sem fim entre a genética dum individuo, o seu histórico e o contexto dentro do qual o comportamento é realizado.

Frente a uma tal complexidade, não é de estranhar o sentimento de impotência quando se trabalha com papagaios. Para melhorar a nossa capacidade de compreensão e de influência sobre o comportamento dos nossos papagaios, precisamos duma aproximação sistemática que nos traz uma estrutura organizada que simplifica a aparente complexidade que escurece a nossa visão.

Tão simples como ABC

A aproximação para compreender comportamentos específicos é conhecida como a análise ABC. Essas três letras são a representação simplificada duma equação comportamental que inclui *antecedents* (antecedentes), *behavior* (comportamento) e *consequences* (consequências). Com esta estratégia, procurámos identificar através duma observação cuidadosa dos acontecimentos e das condições durante as quais elas ocorrem, o comportamento alvo- os antecedentes, mas também os resultados que seguem o comportamento- consequências. Esta simples análise, quando junta com ferramentas para uma observação perspicaz e soluções criativas, ajudar-nos-á a esclarecer o quanto as componentes básicas de treino são inter-ligadas. E são esses esclarecimentos que nos conduziram a importantes estratégias de percepção e de ensino.

Como fazer

Há seis etapas para analisar os ABC: (1) descrever o comportamento alvo em termos de observação; (2) descrever os eventos anteriores que precedem imediatamente o comportamento em questão; (3) descrever as consequências que seguem de imediato o comportamento; (4) examinar os antecedentes, o comportamento e as consequências

como uma sequência; (5) criar novos antecedentes e/ou consequências para ensinar novos comportamentos ou mudar aqueles que já existem; (6) avaliar o resultado.

Vejamos um exemplo: Veda, minha encantadora Alexandrine Parakeet, *Psittacula eupatria*, morde forte e feio quando lhe peço para subir para a minha mão ao sair da sua gaiola. Olhando para o problema em si e retirando-o da sua complexidade, podemos lançar a hipótese que ela é agressiva, territorial, com um comportamento hormonal, defensiva ou dominante. Também poderíamos dizer que ela é rebelde, teimosa, um “osso duro de roer” e uma mimada! Cada uma dessas hipóteses, ou todas elas, podem ser pertinentes, mas em termos de resolução de problemas, só servem para rotular o comportamento, não o resolver. E como não descrevem um comportamento observado por si próprio, não podemos ter a certeza da precisão do rótulo.

A Análise ABC

O que se segue é a minha análise das mordeduras de Veda utilizando o método ABC:

Primeiro. O plano de fundo é o cenário: Quando peço a Veda para sair da sua gaiola para a minha mão ela morde-me muitas vezes, mas nem sempre! Ela só me morde nesse contexto e mais nenhum. Ela fá-lo a qualquer hora do dia e com todos os membros da família. Porém, uma vez fora da gaiola ela sobe e desce sem hesitação, de qualquer sítio, incluído da parte de cima. Durante três ou quatro horas, Veda brinca alegremente em cima do seu poleiro na sala de estar, adora festinhas, relaxa acariciando as penas e brincando e mordiscando os seus brinquedos. Ela é, podemos afirmá-lo, um incrível animal de companhia.

1º Etapa: Descrever o comportamento em termos de observação.

Veda esbugalha os seus olhos, aperta as unhas no poleiro, estica o seu corpo para trás e espera nesta posição durante um ou dois segundos. Se não retirar a mão ela morde-me com força.

2º Etapa: Descrever os antecedentes.

Cada vez que me dirijo para a gaiola da Veda, cumprimento-a para ela saber que cheguei. Abro a gaiola, ponho a minha mão suavemente em frente dela e digo, “ Sai Veda”.

3º Etapa: Descrever as consequências.

Retiro a minha mão (magoada em todos os sentidos), e Veda fica na sua gaiola. Caso (ou deveria eu dizer “porta”) encerrado!

4º Etapa: Examinar os antecedentes, o comportamento e suas consequências como um todo.

Cada vez que me dirijo para a gaiola de Veda, cumprimento-a para ela saber que estou lá; abro a porta da gaiola, ponho a minha mão devagar à frente dela e digo, “ Sai Veda”. Veda esbugalha os olhos, aperta as garras no poleiro, estica o corpo para trás e espera

um segundo ou dois. Se não retirar a mão, ela morde-me ferozmente. Retiro a mão (magoada nos dois sentidos do termo) e Veda fica na sua gaiola.

Parámos aqui por um instante para avaliar as conclusões que resultam desta análise e com isto esclarecer várias coisas importantes. Primeiro, além de ser uma mordedura ou ter um problema crónico ou geral, percebi que Veda exhibe este tipo de respostas, num certo sítio com um antecedente diferente do que eu tinha inicialmente pensado. Antes de analisar os ABC do comportamento de Veda, não me tinha apercebido que ela fica tensa, afasta-se do poleiro e esbugalha os olhos numa corajosa tentativa para me avisar e eu recuar. Mas que espectáculo!

Á luz disso, torna-se óbvio que o antecedente decisivo antes de ela morder, não é eu pôr a mão na sua gaiola mas sim, ignorar o sinal pré-agressivo que me pede para retirar-la. Uma vez que eu ignoro sua mensagem e insisto, a sua única saída é morder-me. E então, quem pôs as bolas prateadas a mexerem-se desta vez, Veda ou eu?

Também é evidente que ao retirar a minha mão e deixando Veda na gaiola, estava na realidade a reforçar o acto de morder. A cada uma dessas interações, eu estava sem sabê-lo, mas assecuramente, ensinar à Veda que morder é uma maneira eficaz e necessária para eu retirar a minha mão da jaula já que os sinais pré-agressivos não resultam. Estou certa que ela diria que não é nada pessoal mas que eu era ...burra! Conseguem imaginar ela explicar à nossa bebé catatua? “ Escuta querida. Não interessa o quanto gentil e fofinha queiras ser, esses humanos só percebem uma coisa, a agressão. A lei do mais forte!”

5ª Etapa: Criar novos antecedentes e/ou consequências.

Após uma cuidadosa análise das minhas opções, neste caso optei para mudar os antecedentes para diminuir as mordidas de Veda. Primeiro, já não digo ”Sai” quando quero que ela se dirija fora da gaiola. Em vez disso pergunto, “Queres sair?”. Se ela exhibir comportamentos pré-agressivos que eu assumo como um “Não, mas obrigada por perguntares”, retiro a minha mão. Outra estratégia, treinei-a a usar um pau para aquelas raras vezes que ela tem mesmo que sair da gaiola. Praticávamos subindo para o pau várias vezes por semana, depois disso recebia montes de elogios e beijinhos.

6ª Etapa: Avaliar o resultado

Mudar os antecedentes para diminuir as agressões da Veda revelou-se muito eficaz. Como não é de admirar, ela parou de me morder- pois quando ela exhibe os seus avisos, não lhe dou oportunidade ou motivo para o fazer. Continuo a oferecer-lhe a minha mão e pedir-lhe para subir. Se ela fica tensa, estica-se para trás ou esbugalha os olhos, retiro a minha mão e vai arranjar outras ocupações (você sabe, limpar gaiolas e mudar a água das taças).

O que foi muito surpreendente é que, após vários meses a deixá-la decidir quando e como ela sai da gaiola, raramente recusa o meu convite e sobe para a minha mão gentilmente para um passeio! Quem sabe... talvez a liberdade de escolha era importante para ela ou sentiu-se beneficiada por ter mais controlo sobre o seu próprio destino; talvez sua auto-estima aumentou quando eu diminuí a minha aparente dominância. Estas são todas possibilidades interessantes.

Pensamentos para concluir

Na minha opinião, nós concentrámo-nos demasiado nas consequências para influenciar o comportamento. Isto torna-se realmente verdade quando se trata de eliminar ou diminuir comportamentos negativos. Desta maneira, nós limitámos mais ou menos a recompensar ou castigar. Uma das vantagens mais excitante desta estratégia de análise simples é que ela incentiva a uma observação cuidadosa dos antecedentes, antecedentes que promovem...ou provoquem...o comportamento. Os antecedentes deveriam ser engenhosamente colocados de maneira a facilitar o comportamento certo. Fazê-lo torna as consequências escolhidas mais fáceis de se realizarem- quando os comportamentos são aceitáveis, as consequências são todas positivas! Acredito piamente (e minha experiência com crianças também o reforçou) que atrás de cada comportamento negativo existe um antecedente mal organizado.

Alguns de vocês devem ter outras ideias a acrescentar à minha análise assim como outras sugestões. Há certamente mais que um caminho para analisar de maneira produtiva uma sequência comportamental e mais que uma solução útil a encontrar. A análise certa é aquela que produz o resultado esperado, encaixa no estilo no qual você e o seu pássaro interagem confortavelmente e que melhora a vossa relação. Com Veda esses três critérios estavam presentes. No nosso ensino, estamos somente limitados à nossa capacidade de observação, criatividade e determinação para tratar os nossos papagaios humanamente e com compaixão.

Claro, o comportamento não é sempre tão linear como aparece na análise ABC; mas penso que o conceito mais importante é que, nenhuns de nós, incluídos os nossos espectaculares papagaios, vivem isolados dos eventos à nossa volta. Apesar da análise comportamental às vezes assemelhar-se a andar numa sala de espelhos num parque de diversões; doutras vezes o comportamento é claro. É nestas circunstâncias que uma aproximação simplificada para analisar o comportamento é o que precisamos para aumentar a nossa compreensão e desenvolver melhores estratégias de ensino. Tenho percebido que a análise ABC do comportamento dos papagaios é muito útil para esclarecer componentes parecidos em muitos, muitos tipos de comportamentos. Uma vez isso estabelecido, o caminho para encontrar soluções criativas e positivas torná-se muito mais fácil. Espero que experimentem a análise ABC e achem-na uma ferramenta útil.

Convidado 1/3/14 1:07 PM

Deleted: